

Psicologia, para além da consciência: resenha de *Seminários de Zollikon*
Heidegger, Martin. *Seminários de Zollikon*. Organizado por Peter Trawny;
traduzido por Marco Casanova; revisão técnica de Deborah M. Guimarães.
1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

Deborah Moreira Guimarães¹

Contornos iniciais

O psiquiatra suíço Medard Boss (1903-1990) convidou o filósofo Martin Heidegger (1889-1976) para ir a Zollikon, nos arredores do lago de Zurique, entre os anos de 1959 e 1969, para desenvolver – tendo como referência principal a analítica existencial de *Ser e tempo* – seminários particulares destinados à comunidade médica e a praticantes das ciências psi em geral.

Tendo como pressupostos centrais os existenciais elaborados no decorrer dos anos de 1920, Heidegger esmiuçou inicialmente, com a comunidade de psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que participava dos encontros em Zollikon, suas reflexões sobre o ser-aí humano tomado como ser-no-mundo, isto é, a noção de *Dasein*. É a partir daí que uma análise voltada a esse ente humano – o *Dasein* –, em sua relação com o campo amplo da psicologia, repercutiria na assim chamada *Daseinsanálise* (*Daseinsanalyse*).

Propondo temáticas que dialogam com o campo das ciências psi, os seminários tinham como temas centrais a temporalidade, a espacialidade e a corporeidade do ser-aí humano, tendo em vista também os fenômenos epocais que atravessam a existência – como a tecnologia emergente – e influenciam a relação do *Dasein* com o mundo que é o seu e que o constitui de maneira indelével.

É nessa interface que nasce o livro *Seminários de Zollikon*: um texto inicialmente de filosofia que se volta de maneira profunda para o ponto de contato entre a existência humana – alvo da reflexão filosófica – e os principais elementos que constituem o sofrimento psíquico e o seu modo próprio de compreensão.

O livro que resenhamos é a tradução, realizada por Marco Antonio Casanova, da edição alemã publicada em 2018 pela editora Vittorio Klostermann (volume 89 da Obra completa), que foi editada por Peter Trawny, responsável também pelas notas de rodapé entre colchetes ao longo do texto e pelo posfácio. O texto é basicamente dividido em duas

¹ Pesquisadora de pós-doutorado na UERJ, bolsista FAPERJ.

grandes seções, Seminários – seção que corresponde à maior parte do material disponível – e Protocolos, conjunto de informações adicionais e registros sobre os seminários que foram desenvolvidos no decorrer do período citado.

Os Seminários de Zollikon em contexto

Para iniciarmos a leitura de *Seminários de Zollikon*, precisamos inicialmente afastar um dos principais equívocos que nos acompanham: a falsa ideia de que os seminários em Zollikon seriam encontros com o propósito de ensinar filosofia a uma comunidade voltada aos saberes psi. Não se trata meramente de uma transmissão de saberes filosóficos a um grupo de interessados, mas de investigar em que medida a analítica existencial e o pensamento histórico do ser impactam certa compreensão do sofrimento existencial, isto é, como a posição de Heidegger se articula à lida com temas próprios da psicologia, da psicanálise e da psiquiatria. Trata-se, dessa maneira, de acompanhar como o objeto da reflexão em Zollikon constitui-se a partir da consideração acerca da relação entre filosofia e psicologia/psiquiatria, culminando em perspectivas daseinsanalíticas, oriundas do esforço em compreender o nexos que une tais campos do saber.

Podemos dizer que a obra possui três grandes eixos temáticos – espaço, tempo e corpo – que direcionam o conjunto dos seminários à tentativa de responder dilemas oriundos de questões existenciais, como o sofrimento psíquico, a prática psicoterápica e a compreensão do humano enquanto tal.

Desde o início, o pensamento heideggeriano busca romper com certa compreensão subjetivista do ser humano, a qual se ramifica em paradigmas centrados na noção de subjetividade, tais como: sujeito, consciência e pessoa. A marca da subjetividade na tradição confere certo protagonismo à suposta posição de anterioridade ontológica envolta na perspectiva egoica de compreensão do ser humano. Há aqui um abandono de tal perspectiva em prol de uma realização da existência estruturada por sentido, ou seja, pelos sentidos que se abrem na facticidade a que chamamos de mundo.

Uma vez que a filosofia heideggeriana surge como herança do projeto filosófico da modernidade, um dos pontos centrais para o abandono do paradigma subjetivista, que moldou a noção de consciência até aqui, é recolocar a questão acerca das condições de possibilidade do acontecimento da existência de modo geral e de todas as ações que acompanham o existir no mundo com seus modos constitutivos espaço-tempo-corporais.

A questão fundamental, portanto, é perceber como os seminários operam visando uma descentralização do eu no lugar de realização da existência, conferindo ao espaço, ao tempo e ao corpo a centralidade das experiências compreendidas como psicopatológicas. Dito de outro modo, pensar a existência a partir do nexos entre a filosofia e os saberes *psi* implica pensar modos próprios de acontecimento do espaço, do tempo e do corpo, isto é, trata-se de conceber uma espécie de fundamento das experiências existenciais em geral, incluindo aquelas entendidas como psicopatológicas.

Na medida em que a fenomenologia se constitui como descrição das estruturas de fenomenologização dos fenômenos, o acento hermenêutico da fenomenologia heideggeriana refere-se à ênfase de que tais modos são determinados por historicidade, isto é, por uma constituição histórica calcificada. Em princípio, a fenomenologia hermenêutica heideggeriana dialoga com a compreensão técnico-científica dos três eixos estruturantes dos fenômenos em geral – como já dito: espaço, tempo e corpo – uma vez que libera tais estruturas constitutivas do enraizamento no *cogito* cartesiano, paradigma subjetivista que demarcou, desde a modernidade, o modo como a tradição filosófica ocidental pensou o ser humano a partir da correlação consciência-mundo, estabelecendo a dicotomia subjetividade-objetividade como alicerce fundamental à compreensão do ser humano em sua relação com a totalidade.

Precisamos considerar, por fim, que a leitura dos seminários de Zollikon prescinde de certa busca por sistematização da obra, a qual inevitavelmente procuraria situar a posição de suas reflexões no conjunto da obra completa. Os seminários em questão resgatam muitos dos aspectos constitutivos de *Ser e tempo*, mas não se restringe a uma análise da existência. Ao contrário, acompanhamos no decorrer de *Seminários de Zollikon* a tentativa de mesclar elementos próprios ao pensamento da década de 1920 com traços do pensamento tardio de Heidegger. A partir de tal obra, fica evidente o fato de que a dimensão do pensamento histórico – correspondente ao período posterior à viragem – assegura uma dimensão mais fundamental e, portanto, mais originária em relação à análise existencial ou, ainda, ao projeto da hermenêutica da facticidade.

Uma chave de leitura para os *Seminários de Zollikon*

A psicologia, a antropologia e a psicopatologia até aqui consideram o ser humano como um objeto em um sentido amplo, como algo subsistente em si, como uma região do ente, como o conjunto do empiricamente constatável no indivíduo (HEIDEGGER, 2021, p. 637).

Constitui-se como desafio inicial para a leitura dos seminários o caráter aparentemente fragmentado do texto, que se inicia a partir de anotações não lineares e, por vezes, desprovidas de conexão. Apesar dessa dificuldade inicial, ressaltamos como instrumento de interpretação do conjunto dos seminários uma chave de leitura para abarcar aspectos determinantes na obra que figuram não apenas como elementos recorrentes ao longo do texto, mas também como pressupostos de compreensão de seu conteúdo.

Há um horizonte de compreensão dos problemas em geral, o qual se configura a partir de certos elementos pré-compreensivos, isto é, elementos que sempre são compreendidos de antemão como base para interpretação dos fenômenos em geral. O caráter pré-compreensivo da existência é assinalado por historicidade, na medida em que esta constitui modos de pensar a partir dos quais mobilizamos os sentidos abertos no campo fáctico. Tal estrutura é circular e marcada pelo caráter inicialmente histórico do existir, ou seja, a noção de circularidade hermenêutica – sobretudo presente nos textos da década de 1920 – figura como um dos aspectos centrais dos seminários.

No âmbito dos saberes *psi*, há um modelo específico de cientificidade que parte do pressuposto geral de que as ciências naturais seriam válidas como único estatuto pretensamente científico. Tal modelo fundamenta-se na ideia amplamente difundida de que as ciências naturais trabalhariam com um registro de veracidade e de evidência distinto daquele das ciências ditas humanas, colocando o ser humano como objeto do conhecimento “contraposto” ao sujeito cognoscente. Nesse sentido, é historicamente necessária à ciência a compreensão de indivíduo como algo que subsiste e que detém propriedades passíveis de serem examinadas e empiricamente verificadas, tal como objetos pretensamente científicos. Como a epígrafe evidencia, os seminários de Zollikon – operando com o registro do pensamento heideggeriano em seus diversos momentos – visam trabalhar com outra noção de ser humano, distinta daquela que a psicologia, a antropologia e a psicopatologia até então concebiam. Não se trata de um homem, com todas as nuances antropológicas, culturais e sociais que esse termo carrega; tampouco de uma consciência capaz de posicionar o mundo e os demais entes como correlatos objetivos de si; tampouco está em questão uma ideia de corpo empírico, rastreável e passível de cálculo pelas ciências médicas ou, em um contexto mais atual, pelas neurociências.

Aí reside o desafio emergente com *Seminários de Zollikon*: pensar uma prática psicoterápica oriunda da conexão entre a filosofia e os saberes *psi*, tendo em vista, sobretudo, o modo como a analítica existencial e o pensamento histórico do ser contribuem para a psicoterapia embasada não mais na noção de consciência como fundamento central, mas nas noções desenvolvidas por Heidegger, tais como: existenciais, performance existencial e vivências em fluxo, que partem da apropriação e consequente radicalização de certas ideias husserlianas. Dito de outro modo, o desafio é fundar uma psicologia que não recorra à consciência – e, conseqüentemente, à subjetividade e à personalidade – como modelo único de compreensão do ser humano, das práticas psicoterápicas e da psicopatologia de maneira geral, o que evidencia uma ruptura com o paradigma técnico-científico responsável por nortear, em grande parte, a prática médica.

Partindo da determinação aristotélica de *psyché* – responsável por fundar o modo como o Ocidente lida com as categorias compreendidas como concernentes a uma suposta interioridade, como alma, mente ou aparelho psíquico, e, de maneira correlata, com o ser humano –, Heidegger opera sobretudo com as noções de fundamento, causalidade e natureza. O autor visa desconstruir o modo sedimentado que interpreta, de antemão, o ser humano como um sujeito provido de uma natureza determinante, capaz de delimitar, de modo prévio, as possibilidades de realização do existir em consonância com fundamentos atemporais e a-históricos, centralizados na concepção de causa como mecanismo essencialista que visa explicar os porquês recorrentes na investigação filosófica: a busca por sentido, a necessidade de um fundamento, e, sobretudo, as determinações próprias ao ente no decorrer da história da filosofia, como *causa prima*, *causa sui*, *arché*, *hypokeimenon* ou, ainda, *subjectum*.

Tais pressupostos impactam diretamente os três temas centrais dos seminários: tempo, corpo e espaço. Em diálogo com a diferenciação presente já em *Ser e tempo* entre temporalidade originária e temporalidade, a dicotomia entre *Zeitlichkeit* e *Temporalität*, respectivamente, figura como um dos pontos centrais para pensar a diferença ontológica, que o constitui e que funda a sua vivência não na sequência cronometrável de instantes, mas na dinâmica existencial de se realizar apenas enquanto performance, ou seja, de ser temporal no tempo finito da existência.

A noção de corpo também é pensada aqui a partir de seu enraizamento na diferença ontológica: somente um ente dotado de propriedades pode possuir uma corporeidade que subsiste e, portanto, torna-se calculável e previsível de acordo com o

conhecimento técnico-científico que permite à medicina, por exemplo, a lida com o corpo tomado em seu caráter de “coisa”, que retém propriedades fixas e pode, por isso, ocupar no espaço um lugar específico. A essa noção de corpo, emprega-se o termo *Körper*, que sinaliza o caráter material e o conteúdo de coisa dos entes de maneira geral. Como mecanismo de diferenciação, emprega-se o termo *Leib* para sinalizar o corpo vivo, próprio, que não se reduz ao meramente subsistente, mas, por outro lado, estende-se à dinâmica de realização da existência.

Esses não são, contudo, os únicos temas presentes nos seminários. A presente edição – evidentemente mais completa e extensa do que a publicada anteriormente – contém ainda seções dedicadas ao problema da subjetividade, ao inconsciente, à verdade e à clareira, à linguagem, à causalidade, à noção de fundamento e de acontecimento apropriador, à ciência moderna e à técnica, ao tédio, entre outros.

Pela fluidez temática com a qual Heidegger conduz os encontros, os *Seminários de Zollikon* exigem de seus leitores certo domínio da conceptualidade básica da filosofia heideggeriana e não se limitam a operar com divisões cronológicas ou temáticas, uma vez que os assuntos – que tendem a aparecer em geral sistematicamente organizados pela recepção do pensamento heideggeriano – surgem mesclados e fortemente marcados pela transversalidade que acompanha as ciências *psi*. O texto é denso, fecundo, relevante do ponto de vista interdisciplinar e coerente com o seu propósito.

Considerações finais

A obra *Seminários de Zollikon* ocupa, portanto, um lugar central nos diálogos entre a filosofia e as ciências *psi* ao propor uma desconstrução de noções pretensamente fundamentais ao estabelecimento de uma suposta personalidade psíquica, como o “eu” e a consciência. Enraizados, sobretudo, na construção teórica de *Ser e tempo*, os seminários representam uma ruptura com paradigmas e posições predominantes na psiquiatria, na psicologia e na psicanálise, bem como uma refutação das estruturas basilares da psicoterapia e da psicopatologia.

Afirmar que o *Dasein* não possui uma natureza prévia, uma consciência ou uma egoicidade, que se situem em uma posição de anterioridade em relação à existência, implica assumir que o ser-aí é compreendido pré-cientificamente. Dito de outro modo, a concepção de ser humano proposta por Heidegger rompe com a ontologia cartesiana na medida em que funda a existência em um âmbito pré-compreensivo – ou pré-tematizado

–, incompatível com a até então paradigmática constatação do *cogito*, entendida aqui como base para a fundação da ciência moderna.

A *Daseinsanalyse* irrompe, doravante, como uma espécie de validação do fato de que a filosofia heideggeriana já estava presente no campo das ciências *psi*, provocando mudanças na forma de pensar vigente e dando direcionamentos diversos à prática clínica. Os seminários ocorridos em Zollikon não estão restritos à época em que foram desenvolvidos, mas repercutem de maneira inovadora e cada vez mais atual mostrando o quanto as questões concernentes ao humano em sua esfera *psi*, após Heidegger, não podem ser pensadas de maneira única, isenta de problematidade. Certamente, trata-se de um livro fundamental à História da Filosofia, por retomar temas e problemas recorrentes e por promover diálogos de extrema relevância com a tradição e a partir dela, e à prática clínica no âmbito, em especial, da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise, por viabilizar reflexões profundas e mudanças paradigmáticas no escopo da metapsicologia e de desdobramentos afins.